

A racialização da luta de classes em *Black Reconstruction*

The racialization of class struggle in *Black Reconstruction*

Juliana Góes*

Jorge Daniel Vásquez**

Agustín Lao-Montes***

Resumo: Este artigo examina os debates em torno de classe e raça na obra seminal de Du Bois, *Black Reconstruction*, abordando especificamente a tensão contemporânea entre sociólogos duboisianos e críticos marxistas quanto à primazia de cada categoria na análise do mundo moderno. Argumentamos que Du Bois buscou evitar tanto o reducionismo de classe quanto o de raça. Em vez disso, o líder panafricanista ofereceu alternativas cruciais: compreender o capitalismo como um sistema racializado e produzir uma análise histórica que enxergue a luta de classes como uma luta racializada.

Palavras-chave: marxismo negro; sociologia duboisiana; *Black Reconstruction*.

Abstract: This article examines the debates surrounding class and race in Du Bois's seminal work, *Black Reconstruction*, specifically addressing the contemporary tension between

* Juliana Góes é professora no Departamento de Sociologia da Universidade de Binghamton. Seus interesses de pesquisa abrangem o radicalismo negro, o abolicionismo e a práxis decolonial. Seu trabalho é realizado em parceria com diferentes movimentos de base, em especial organizações negras, grupos de trabalhadoras sexuais, assentamentos urbanos e o movimento antiprisão. Atualmente, ela está trabalhando em dois projetos de livros. O primeiro, intitulado *Decolonizando cidades: movimentos negros e territórios de vida no Brasil*, examina as intersecções entre os movimentos negros na América Latina, a autodeterminação e a política urbana. O segundo, *Du Bois sobre América Latina e Caribe: Pan-Africanismo Trans-Americano e Sociologia Global*, em coautoria com Agustín Lao-Montes e Jorge Vasquez, aprofunda o internacionalismo negro nas Américas. E-mail: jmgoes@binghamton.edu. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1728-353X>.

** Jorge Daniel Vásquez é professor no Departamento de Sociologia e Estudos Sociais da Universidade de Regina. Seu trabalho combina a sociologia Du Boisiana, a sociologia histórica global, a teoria social e a sociologia racial. Sua pesquisa sobre Du Bois foi publicada na *Du Bois Review*, na *Gender & Society* e no *Oxford Handbook of Comparative Historical Sociology* (a ser publicado) e recebeu cinco prêmios da Associação Americana de Sociologia, incluindo o Prêmio Ida B. Wells-Truy Duster. Seu livro em coautoria, *Du Bois on Latin America: Global Sociology and Transamerican Panaficanism* (juntamente com Juliana Goes e Agustín Lao), está sob contrato com a SUNY Press. Atualmente, ele está trabalhando no livro *The Sociology of the Global Color Line: W.E.B. Du Bois, Irene Diggs, and the Critique of Race in the Americas*. E-mail: Jorge.Vasquez@uregina.ca. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4716-768X>.

*** Doutor em sociologia histórica, é um intelectual e ativista afrodescendente de origem porto-riquenha. É professor de sociologia na Universidade de Massachusetts, onde também é pesquisador do Centro de Estudos Latino-Americanos e Caribenhos e professor do programa de doutorado em Estudos Afro-Americanos. Publicou

Du Boisian sociologists and Marxist critics regarding the primacy of each category in the analysis of the modern world. We argue that Du Bois aimed to avoid both class and race reductionism. Instead, the Pan-African leader offered crucial alternatives: understanding capitalism as a racialized system and producing a historical analysis that views class struggle as a racialized one.

Keywords: Black Marxism; Du Boisian Sociology; *Black Reconstruction*.

NOVENTA ANOS após sua publicação original, *Black Reconstruction* será finalmente traduzido para o português.¹ A obra representa o engajamento mais profundo de Du Bois com a teoria marxista, oferecendo uma análise do período pós-Guerra Civil nos Estados Unidos como um momento revolucionário, um ponto de inflexão que poderia ter conduzido ao desmantelamento do capitalismo e de suas hierarquias raciais. Em vez de concentrar-se no proletariado europeu, Du Bois partiu da perspectiva dos trabalhadores negros, que lutavam contra o colonialismo e a escravidão. Assim, o livro também se tornou um marco para o surgimento de uma vertente específica da teoria e da política marxistas, fundada no reconhecimento de que o colonialismo, a escravidão e o racismo são elementos constitutivos centrais do capitalismo.²

Essa tradução chega em um momento especialmente oportuno. As discussões sobre capitalismo e violência racial suscitadas por *Black Reconstruction* estão sendo revisitadas na Sociologia, e essa atenção renovada pode contribuir para aprofundar nossa compreensão da racialização das lutas de classe em diferentes campos de estudo. Mais especificamente, acadêmicos antirracistas têm conseguido integrar Du Bois ao cânone sociológico, com o objetivo de questionar a cumplicidade histórica da disciplina com o colonialismo, a escravidão e o capitalismo, e de promover uma sociologia duboisiana – uma perspectiva que concebe a produção de conhecimento como instrumento de transformação social.³ No entanto, uma crítica marxista recente argumenta que essa incorporação teria “domesticado” a obra de Du Bois, ao minimizar seu compromisso com a análise de classe

diversos livros e artigos sobre temas como globalização, movimentos sociais, questões urbanas, identidades étnico-raciais e racismo, pensamento crítico caribenho e afrodiaspórico, teoria decolonial, estudos africanos e educação intercultural. É ativista em múltiplas frentes, incluindo os processos do Fórum Social e as redes afrodescendentes nas Américas. É membro da comissão coordenadora da Articulação Regional de Afrodescendentes na América e no Caribe (ARAAC). É o Coordenador-Geral da Malunga: Rede pela Justiça Global e Contra o Racismo Antinegro. Ele é afiliado a programas de doutorado na Universidade Externado, em Bogotá, e na Universidade Simón Bolívar, em Barranquilla. Foi professor visitante na Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso), em Quito; na Universidade do Valle, em Cali; na Universidade de Antioquia; na Universidade Federal da Bahia; na Universidade Federal do Rio de Janeiro; e na Universidade de Porto Rico, entre outras. Proferiu palestras em universidades da América Latina, África, Estados Unidos e Europa. É assessor especial do "governo da mudança" na Colômbia sobre o desenvolvimento de políticas antirracistas e reparações históricas. E-mail: lao@soc.umass.edu. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1497-2914>.

1 DU BOIS, William Edward Burghardt. **Black Reconstruction in America**. New York: Harcourt, Brace and Company, 1935.

2 Ver: ROBINSON, Cedric. **Black Marxism: The Making of the Black Radical Tradition**. London: UNC Press, 2020.

3 Ver: ITZIGSOHN, José; BROWN, Karida. **The Sociology of W. E. B. Du Bois: Racialized Modernity and the Global Color Line**. New York: New York University Press, 2020.

e reduzir todas as desigualdades sociais a uma única força: o racismo.⁴ Por sua vez, os estudiosos duboisianos contestam essa leitura, sustentando que ela rebaixa a raça e outras formas de opressão a meros subprodutos da classe, insistindo que o líder pan-africanista jamais subordinou a raça à classe, nem tratou a violência racial como simples consequência do capitalismo, mas sim como um de seus elementos estruturantes.⁵

Este artigo reexamina a relação entre capitalismo e racismo em *Black Reconstruction* à luz desse debate. Argumentamos que Du Bois propôs analisar classe e raça como componentes distintos, porém interdependentes, do capitalismo enquanto totalidade histórica. Além disso, sustentamos que a relação entre ambas não é de subordinação nem de separação, mas de interdependência, uma depende da outra para se produzir e se reproduzir, de modo que nenhuma pode ser plenamente compreendida sem a outra. Defendemos ainda que Du Bois se opunha tanto ao reducionismo de classe quanto ao reducionismo racial. Ele propunha uma terceira via: compreender o capitalismo como um sistema racializado e produzir uma análise histórica que reconheça a luta de classes como uma luta racializada.

O artigo, portanto, inicia com a exposição de alguns dos principais debates em torno da obra de Du Bois. Reconhecemos a importância das críticas que buscam recolocar o marxismo no centro do pensamento duboisiano. No entanto, apontamos que a forma como essas críticas vêm sendo formuladas tem incorrido na armadilha de marginalizar a luta contra a violência racial. Em seguida, o artigo examina *Black Reconstruction* como um estudo sobre o modo como o conflito de classes é racializado, com o objetivo de superar a dicotomia entre classe e raça e avançar rumo a uma análise do capitalismo em sua totalidade concreta.

Du Bois em disputa

NA CONHECIDA INTRODUÇÃO de *Remaking Modernity*, Adams, Clemens e Orloff apresentam uma crítica ao projeto “clássico” da sociologia histórica.⁶ Embora reconheçam que esse projeto representa uma contribuição significativa para as ciências sociais, argumentam que ele se tornou excessivamente rígido, centrado no Estado e eurocêntrico. No entanto, a reconstrução do campo proposta pelas autoras não incorpora referências à obra de Du Bois nem à sociologia inspirada nela.⁷ Embora o autor seja brevemente mencionado, uma vez

4 Como, por exemplo: GOODWIN, Jeff. The Dilemma for ‘Du Boisian Sociology’. *Catalyst*, v. 7, n. 1, 2023a.

5 ITZIGSOHN, José. In Defense of Du Boisian Sociology. *Catalyst*, v. 7, n. 3, 2023. MORRIS, Aldon. From Social Movements to Du Boisian Sociology: A 40-Year Journey Interrogating Domination and Liberation of the Oppressed. *Annual Review of Sociology*, v. 51, n. 1, p. 1-20, 2025.

6 ADAMS, Julia; CLEMENS, Elisabeth; ORLOFF, Ann. Introduction: Social Theory, Modernity and the Three Waves of Historical Sociology. In: ADAMS Julia; CLEMENS, Elisabeth; ORLOFF, Ann (org.). *Remaking Modernity: Politics, History and Sociology*. Durham: Duke University Press, 2005. p. 1-74.

7 Como explorado por: MEGHJI, Ali. Du Boisian Sociology After Du Bois: Frazier, St Clair Drake, and the Global and Comparative Study of Race and Empire. *Sociological Forum*, v. 39, n. 4, p. 361-72, 2024.

como parte de uma linhagem de teóricos que analisaram a modernidade e, novamente, em relação ao individualismo iluminista e à subordinação racial, as 70 páginas subsequentes concentram-se em Marx, Weber e Durkheim.⁸

Essa omissão reflete os fundamentos raciais da própria produção do conhecimento científico.⁹ Contra esses fundamentos, acadêmicos como Reiland Rabaka, Aldon Morris e Earl Wright II denunciaram o *apartheid* epistêmico que excluiu Du Bois do cânone fundador da sociologia e reivindicaram seu reconhecimento.¹⁰ Seus trabalhos impulsionaram um movimento pela inclusão de Du Bois no cânone sociológico – não como um acréscimo simbólico ou tokenista, mas como uma crítica à cumplicidade histórica da disciplina com o colonialismo, a escravidão e o capitalismo, e como a criação de uma sociologia produzida “a partir de baixo”. Mais recentemente, Itzigsohn e Brown contribuíram para esse movimento ao propor uma “Sociologia Duboisiana”.¹¹ Eles argumentam que Du Bois desenvolveu uma sociologia da modernidade racializada, uma perspectiva que revela como os processos centrais da modernidade: industrialização, urbanização, divisão do trabalho, secularização e desenvolvimento tecnológico são moldados por hierarquias raciais e enraizados no colonialismo e no imperialismo. Assim, defendem uma sociologia crítica da modernidade racializada, baseada em métodos contextualizados, historicizados e relacionais, que coloca as experiências subalternas no centro da análise sociológica.

Os esforços para integrar Du Bois ao cânone sociológico e construir uma sociologia duboisiana tiveram resultados significativos. Atualmente, Du Bois é amplamente reconhecido em todo o campo da sociologia.¹² No entanto, a forma como esse reconhecimento se consolidou tem sido criticada por alguns sociólogos marxistas. Em especial, Jeff Goodwin argumenta que Itzigsohn e Brown “domesticaram” o intelectual pan-africanista ao inseri-lo no cânone sociológico sem reconhecer plenamente a centralidade de seu marxismo.¹³ De modo mais detalhado, Goodwin sustenta que a guinada marxista de Du Bois levou-o a definir o capitalismo como a estrutura social central do mundo moderno e o racismo como seu produto histórico. Nessa perspectiva, ele alega que os sociólogos duboisianos negligenciam a estrutura social do capitalismo ao colocar a supremacia branca como uma força sócio-histórica independente do capitalismo. Essas críticas não se dirigem apenas aos estudiosos

8 Embora não mencionado na introdução, o capítulo de Zine Magubane sobre a imaginação global da sociologia histórica inclui uma discussão sobre a contribuição de Du Bois para a sociologia. Ver: MAGUBANE, Zine. *Overlapping Territories and Intertwined Histories: Historical Sociology's Global Imagination*. In: ADAMS Julia; CLEMENS, Elisabeth; ORLOFF, Ann (org.). **Remaking Modernity: Politics, History and Sociology**. Durham: Duke University Press, 2005. p. 92-108.

9 ARAÚJO, Marta; MAESO, Silvia (org.). **Eurocentrism, Racism and Knowledge: Debates on History and Power in Europe and the Americas**. New York: Palgrave Macmillan, 2015.

10 RABAKA, Reiland. **Against Epistemic Apartheid**: W.E.B. Du Bois and the Disciplinary Decadence of Sociology. Lanham: Lexington Books, 2010. MORRIS, Aldon. **The Scholar Denied**: W.E.B. Du Bois and the Birth of Modern Sociology. Oakland: University of California Press, 2017. WRIGHT II, Earl. **The First American School of Sociology**: W.E.B. Du Bois and the Atlanta Sociological Laboratory. London: Routledge, 2017.

11 ITZIGSOHN; BROWN, op. cit.

12 MEGHJI, Ali et al. Why Now? Thoughts on the Du Boisian Revolution. **Sociology Compass**, v. 18, n. 8, p. e13264, 2024.

13 GOODWIN, Jeff. The Dilemma for ‘Du Boisian Sociology’. In: Defense of Black Marxism. **Catalyst**, v. 7, n. 3, 2023b.

que se identificam como duboisianos, mas também àqueles que procuram demonstrar que o colonialismo e o racismo estruturam de forma fundamental a identidade, a experiência e a política, de modos não redutíveis à economia.

A crítica à invisibilização da guinada marxista de Du Bois na sociologia não é nova. Há mais de uma década, Stanfield II já havia argumentado que a sociologia norte-americana marginalizou intelectuais negros e pensadores marxistas, afetando de maneira desproporcional os marxistas negros, como o próprio Du Bois.¹⁴ No entanto, há algo novo no debate recente. Após a inclusão de Marx no cânone sociológico, especialmente a partir da onda de movimentos antissistêmicos dos anos 1960, a disciplina tornou-se “talvez um dos espaços mais receptivos aos marxistas dentro das ciências sociais”, mas, paradoxalmente, os marxistas passaram a constituir um subcampo marginalizado dentro da própria sociologia.¹⁵ Diversos fatores contribuíram para essa marginalização, mas um dos mais fundamentais foi a propaganda antimarxista, que procurou domesticar os movimentos sociais, afastando-os da luta por uma sociedade anticapitalista e orientando-os para demandas de inclusão dentro da economia capitalista. No campo da política antirracista, por exemplo, Jodi Melamed argumenta que essa propaganda levou ao crescimento do liberalismo racial. Uma ideologia e prática política que busca dismantlar as hierarquias raciais promovendo o avanço da população negra principalmente por meio de mudanças legislativas voltadas à igualdade, sem, contudo, questionar o capitalismo.¹⁶ Mais detalhadamente, Melamed demonstra que essa ideologia se consolidou no pós-Segunda Guerra Mundial, em paralelo à propaganda anticomunista, e foi utilizada pelas elites capitalistas para garantir o poder global dos Estados Unidos e impulsionar agendas neoliberais que, em vez de promover libertação, intensificaram o processo de expropriação das comunidades negras.¹⁷ Nesse contexto, reabrir espaço para o debate marxista e retomar a análise de classe torna-se essencial para radicalizar novamente nossas formas de resistência e ampliar nossos horizontes.

Os sociólogos duboisianos não ignoraram o capitalismo. Por exemplo, Itzigsohn analisa o capitalismo como uma instituição racializada, enfatizando que o conceito de modernidade em Du Bois revela como a raça molda os processos centrais do capitalismo.¹⁸ Ao mesmo tempo, o autor sustenta que Du Bois via a supremacia branca como uma

14 STANFIELD II, John. Du Bois on Citizenship: Revising the ‘Du Bois as Sociologist’ Canon. **Journal of Classical Sociology**, v. 10, n. 3, p. 171-88, 2010.

15 PLYS, Kristin. Theories of Capitalism and Coloniality in World Systems Analysis, the Dar Es Salaam School of History and the New Indian Labour History. **Environment and Planning A: Economy and Space** v. 56, n. 4, p. 1322, 2024.

16 MELAMED, Jodi. The Spirit of Neoliberalism: From Racial Liberalism to Neoliberal Multiculturalism. **Social Text**, v. 24, n. 4, p.1-24, 2006.

17 O enfraquecimento do caráter radical das lutas por justiça social também afetou outros movimentos. Para além do ativismo identitário, os movimentos trabalhistas também têm tendido a priorizar a redistribuição da riqueza, sem enfrentar a natureza exploratória de sua produção.

18 ITZIGSOHN, José. A Du Boisian Sociological Imagination: The Black Radical Tradition, Marxism and Du Boisian Sociology. **The British Journal of Sociology**, v. 76, n. 3, p. 499-510, 2025.

estrutura que se origina dentro do capitalismo, mas que acaba adquirindo certo grau de autonomia, tornando-se parcialmente desvinculada do sistema de produção. Essa separação conceitual entre capitalismo e supremacia branca, contudo, corre o risco de obscurecer uma das principais forças da análise marxista: o uso do materialismo histórico para compreender as dinâmicas entrelaçadas de raça e classe.

Em uma contribuição recente sobre esse debate, Vanessa Wills explica que o marxismo entende a existência humana como moldada pelas interações entre os seres humanos e seus ambientes naturais e sociais na busca pela satisfação de suas necessidades básicas. Por meio do materialismo histórico, o marxismo define o ser como um processo em constante transformação, cujo núcleo é o trabalho, a relação metabólica entre os seres humanos e o mundo que habitam.¹⁹ Assim, Wills afirma que o materialismo histórico considera as condições materiais como determinantes primários tanto das dimensões materiais quanto ideais da existência. No entanto, ela esclarece que isso não implica reduzir as ideias a meros subprodutos das forças econômicas. Ao contrário, o materialismo histórico concebe “estrutura” e “superestrutura” como elementos mutuamente condicionantes de um todo unificado. Esses componentes não operam em uma cadeia causal linear (em que X causa Z), mas refletem relações dialéticas, nas quais os elementos estão interligados e se transformam mutuamente (X se relaciona com Z). Aplicado à questão racial, esse arcabouço evidencia que, embora as ideias racistas modernas se baseiem em noções pré-capitalistas de diferença humana, sua consolidação como característica estrutural central da sociedade ocorreu em paralelo à ascensão do capitalismo. Em outras palavras, Wills enfatiza que, ainda que o capitalismo não tenha inventado o racismo, o caráter específico e persistente do racismo moderno é mediado pelas relações e estruturas concretas de produção. Portanto, tratar a supremacia branca como algo separado do capitalismo implica no risco de enfraquecer a análise do racismo, em vez de aprofundar a compreensão de sua lógica histórica e material.

No entanto, a crítica marxista contemporânea à sociologia duboisiana não parece se concentrar propriamente na relação entre raça e classe, mas sim na subordinação da primeira à segunda. Por exemplo, na leitura que faz de *Black Reconstruction*, Goodwin interpreta a violência racial como enraizada na competição capitalista por trabalho, retratando o racismo como uma ideologia forjada pelas elites para dividir a classe trabalhadora, transformando trabalhadores negros em bodes expiatórios.²⁰ Embora concordemos parcialmente com essa leitura, Goodwin parece absolver os brancos pobres de sua participação no racismo e, ao mesmo tempo, culpar os negros que deixaram movimentos multirraciais de base classista para formar organizações negras próprias, como se isso enfraquecesse o proletariado. Afinal, sua análise critica as teorias

19 WILLS, Vanessa. What Could It Mean to Say, ‘Capitalism Causes Sexism and Racism?’ **Philosophical Topics**, v. 46, n. 2, p. 229-46, 2018.

20 GOODWIN, Jeff. Black Reconstruction as a Class War. **Catalyst**, v. 6, n. 1, 2022.

e estratégias de organização centradas na raça, mas permanece em silêncio quanto à violência racial dentro dos próprios movimentos multirraciais, violência essa que levou muitos militantes negros a abandoná-los em primeiro lugar, como documentado em estudos sobre a “questão negra” na Internacional Comunista.²¹ Essa crítica, portanto, corre o risco de enfraquecer a uma nova radicalização dos movimentos sociais, ao reproduzir uma tensão histórica persistente: a marginalização das lutas contra a violência racial em nome dos movimentos de base classista.

Black Reconstruction representou uma intervenção decisiva nos debates sobre emancipação negra e marxismo, elaborando uma vertente original, historicamente fundamentada e teoricamente criativa de teoria e de prática política. Ao se engajar com a teoria marxista para analisar o período pós-Guerra Civil nos Estados Unidos a partir da perspectiva dos trabalhadores negros, Du Bois não se limitou a repetir Marx e Engels, nem a transformar suas conclusões em fórmulas universais aplicáveis a qualquer parte do mundo. Pelo contrário, ele expandiu o marxismo para compreender a experiência particular do trabalhador negro, demonstrando como raça e classe estavam profundamente entrelaçadas. Diante disso, colocamos duas questões: Pode *Black Reconstruction* nos ajudar a formular uma análise do capitalismo que reconheça a importância da crítica marxista sem, contudo, minimizar a centralidade da violência racial? E, se sim, de que maneira?

Black Reconstruction como conflito de classe racializado

COMO INTELLECTUAL e ativista negro comprometido com a transformação estrutural, Du Bois reconhecia que a libertação negra era inseparável da redistribuição dos meios de produção. Após sua guinada marxista, ele buscou ajudar as comunidades negras a compreender a importância da luta de classes e do socialismo.²² Ao mesmo tempo, entendia que o racismo fragmentava a classe trabalhadora, levando os trabalhadores brancos a resistirem ao reconhecimento da necessidade de centralizar as lutas antirracistas. Por isso, Du Bois também se dedicou a introduzir o debate sobre raça nos círculos socialistas, enfatizando que a verdadeira libertação de todos os trabalhadores depende da emancipação daqueles racializados como não brancos.²³ Por meio de sua dupla crítica ao racismo e ao capitalismo, Du Bois, em *Black Reconstruction*, nos desafia a ultrapassar os esquemas que priorizam isoladamente a raça ou a classe. Em vez disso, ele nos convoca a compreender a contradição entre trabalho e capital como intrinsecamente racializada. De fato, desde seus primeiros escritos sobre a “linha de cor” até suas reflexões tardias, Du Bois mostrou de

21 See ADI, Hakim. **Pan-Africanism and Communism: The Communist International, Africa and the Diaspora, 1919-1939.** Trenton: Africa World Press, 2013. DE LEON, Cedric. **Freedom Train: Black Politics and the Story of Interracial Labor Solidarity.** Oakland: University of California Press, 2025.

22 LEWIS, David. **W.E.B. Du Bois: The Fight for Equality and the American Century, 1919–1963.** New York: H. Holt, 2000.

23 Ibidem.

forma consistente como o capitalismo constrói, e é construído por, uma divisão global do trabalho marcada pela racialização.²⁴

Em *Black Reconstruction*, Du Bois inicia o livro identificando as classes sociais em conflito no período analisado, durante e após a Guerra Civil dos Estados Unidos. Nos capítulos iniciais, ele discute os trabalhadores negros, os trabalhadores brancos e os latifundiários [*Planters* no original], destacando suas condições de vida e interesses de classe. Os trabalhadores negros, incluindo tanto pessoas escravizadas quanto livres, constituíam a base econômica da nação. Embora, em certos contextos, suas condições materiais se assemelhassem às dos trabalhadores brancos, já que ambos podiam trabalhar em ambientes semelhantes, a escravidão impunha uma violência extrema, que negava a humanidade dos trabalhadores negros. Ocupando o lugar de um objeto possuído por outro, e não o de um ser humano que vende sua força de trabalho, esse era, segundo Du Bois, o “trabalhador em sua forma de exploração mais extrema”.²⁵ Quanto a seus interesses, os trabalhadores negros lutavam por liberdade física, direitos civis, oportunidades econômicas, educação, direito ao voto e, sobretudo, pelo acesso à terra, para trabalhar e usufruir os frutos do próprio labor. Eles buscavam transformar a base da propriedade e redistribuir a riqueza social.

Aqui, Du Bois apresenta uma de suas principais inovações teóricas. Ao considerar as pessoas escravizadas dentro da categoria de “trabalhadores negros”, ele também incorpora a escravidão como uma dimensão constitutiva do capitalismo. De forma mais detalhada, Du Bois argumenta que o capitalismo teve início com a acumulação de riqueza pelos europeus por meio da colonização das Américas e da África, e que essa acumulação se baseou na escravização de povos colonizados e sequestrados, em vez de tratar a escravidão como um antecedente histórico à formação do capitalismo. Como ele escreve: “O trabalho negro tornou-se a pedra fundamental não apenas da estrutura social do Sul, mas também da manufatura e do comércio do Norte, do sistema fabril inglês, do comércio europeu, da compra e venda em escala mundial.”²⁶

No que diz respeito aos trabalhadores brancos, Du Bois argumenta que essa classe era composta por americanos nativos e novos imigrantes que aspiravam à acumulação de capital e à mobilidade social, ou seja, à passagem da condição de trabalhadores para a de capitalistas. Ele explica que esses trabalhadores, frequentemente deserdados pelo sistema escravista e pelo monopólio da terra, buscavam manter sua superioridade racial sobre as pessoas negras, o que lhes conferia um senso de autoridade e alimentava sua vaidade. Por isso, temiam a concorrência do trabalho negro. Quanto aos latifundiários,

24 See DU BOIS, William Edward Burghardt. *The Color Line Belts the World*. In: LEWIS, David (org.). **W.E.B. Du Bois: A Reader**. New York: Henry Holt, 1995. DU BOIS, William Edward Burghardt. **Color and Democracy: Colonies and Peace**. New York: Harcourt, 1945. DU BOIS, William Edward Burghardt. **The World and Africa**. New York: International Publishers, 2007.

25 DU BOIS, op. cit., p. 15.

26 Ibidem, p. 5.

tratava-se da classe proprietária de terras do Sul, enormemente enriquecida pelo trabalho escravizado, que dominava a política e a vida social sob ideais de privilégio e de casta de origem europeia. Seu principal interesse era expandir a escravidão e o monopólio da terra, resistindo a qualquer forma de emancipação política ou econômica dos negros.

Du Bois demonstra, então, que o capitalismo é racializado, ao explicar que a própria classe é uma categoria racializada, isto é, as classes não são formadas apenas por suas posições na estrutura capitalista, mas também por seus lugares dentro da hierarquia racial. De forma mais detalhada, a raça aparece na obra de Du Bois como uma categoria que determina quem merece receber salário e quem não merece, legitimando o ápice da exploração capitalista: a exploração do trabalho não livre dentro do sistema capitalista de escravidão racial. Por fim, Du Bois argumenta que a “linha de cor” constitui uma divisão global: “[...] Aquele vasto e sombrio mar de trabalho humano na China e na Índia, nos Mares do Sul e em toda a África; nas Índias Ocidentais, na América Central e nos Estados Unidos [...], compartilha de um destino comum; é desprezado e rejeitado por causa da raça e da cor; [...] espancado, aprisionado e escravizado”.²⁷ O capitalismo, portanto, aparece em *Black Reconstruction* como um sistema global que justifica a exploração extrema por meio da racialização.²⁸

Depois de estabelecer as bases de sua análise, Du Bois explica que a Guerra Civil dos Estados Unidos teve início como uma disputa de poder econômico entre os capitalistas do Norte (União) e os latifundiários do Sul (Confederação). O Norte buscava criar leis que protegessem seus produtos da importação de manufaturas baratas provenientes da Europa, além de ampliar o acesso à terra para expandir suas indústrias. O Sul, por sua vez, via essa proteção às indústrias nacionais como uma medida que encareceria os produtos que consumia, e, portanto, lutava para preservar a economia de *plantation*. De modo crucial, nenhum dos dois lados tinha como objetivo inicial a abolição da escravidão.

Du Bois também explica que os trabalhadores negros aproveitaram esse conflito para libertar a si mesmos, por meio do que ele denomina “greve geral” – a ação espontânea e massiva de milhões de pessoas escravizadas que se recusaram a trabalhar para a Confederação. De forma mais detalhada, Du Bois afirma que, assim que a população escravizada percebeu que poderia usar a conjuntura para pôr fim ao cativeiro, ela interrompeu a produção no Sul por meio de diferentes formas de resistência – como a recusa ao trabalho (frequentemente interpretada pelos senhores como “preguiça”) e as fugas em massa, muitas vezes culminando na adesão aos exércitos da União. Em suas palavras: “O que o negro fez foi esperar, observar e escutar [...]. Assim que [...] ficou claro que os exércitos da União não iriam ou não poderiam restituir os escravos fugitivos, o escravizado iniciou uma greve geral contra a escravidão, pelos mesmos métodos que havia

27 Ibidem, p. 15-16.

28 Eric Williams também discutiu com profundidade a relação entre a formação do capitalismo e a racialização do mundo. Ver: WILLIAMS, Eric. **Capitalism and Slavery**. New York: Capricorn Books, 1944.

usado durante o período dos fugitivos.”²⁹ Seguindo uma abordagem marxista, Du Bois não apenas centralizou a escravidão na formação do capitalismo, mas também reconheceu a resistência negra como elemento essencial da transformação social.

Após o fim da guerra, o período da Reconstrução foi marcado por intensas disputas políticas e econômicas em torno do futuro do Sul. Diferentes classes sociais formaram e romperam alianças em tentativas sucessivas de garantir seus próprios interesses. Embora essas alianças variassem conforme a região, elas seguiam um padrão geral. Com o direito de voto concedido aos homens negros durante a Reconstrução, Du Bois explica como os latifundiários buscaram controlar o voto negro para manter sua dominação econômica. No entanto, esse movimento se complicou com a intervenção dos nortistas que migraram para o Sul após a guerra, os chamados “*carpetbaggers*”, que ofereciam aos trabalhadores negros direitos civis e liberdade econômica em troca de apoio político. Isso gerou uma situação em que o trabalho negro precisou se aliar aos *carpetbaggers* e aos “*scalawags*” (brancos sulistas que se associaram ao Partido Republicano, então defensor da abolição), o que isolou ainda mais a classe dos latifundiários e alarmou os brancos pobres, que temiam a ascensão dos trabalhadores negros. Ao mesmo tempo, formou-se uma aliança entre industriais e abolicionistas do Norte, que acabou influenciando o Oeste e se tornou um fator decisivo no declínio da agricultura sulista.

Infelizmente, a aliança mais importante, entre trabalhadores negros e brancos, foi justamente a que não aconteceu. Du Bois explica que o período da Reconstrução foi uma revolução vinda de baixo, em que os antigos escravizados avançaram, protagonizando, como ele escreveu, “um dos experimentos mais extraordinários do marxismo que o mundo conheceu antes da Revolução Russa”.³⁰ Além de criarem escolas e se engajarem em diversas iniciativas para construir comunidades livres, esses trabalhadores também reivindicaram a redistribuição da terra para quem nela trabalhava. Ainda assim, o proletariado norte-americano permaneceu profundamente dividido entre negros libertos, brancos pobres do Sul e operários qualificados e não qualificados do Norte. Segundo Du Bois, esses grupos “jamais chegaram a reconhecer seus interesses comuns”.³¹ As elites do Norte e do Sul souberam usar o racismo para dividir a classe trabalhadora. Os trabalhadores brancos, especialmente no Sul, receberam um “salário psicológico”, uma percepção de superioridade racial, que valorizavam mais do que a solidariedade econômica com seus companheiros negros.³² Du Bois observa ainda que mesmo as organizações trabalhistas do Norte foram, muitas vezes, reativas ou negligentes diante da questão da escravidão. O fracasso em construir uma aliança entre trabalhadores foi fatal para a luta por uma democracia verdadeira, deixando os capitalistas em posição de controle absoluto.³³

29 DU BOIS, op. cit., p. 57.

30 Ibidem, p. 358.

31 Ibidem, p. 216.

32 Ibidem, p. 700.

33 Neste breve artigo, não pudemos desenvolver as discussões sobre o “salário público e psicológico” (*public*

O fracasso dessa revolução potencial deu origem ao que Du Bois chamou de “contrarrevolução da propriedade.” Quando os capitalistas do Norte e os latifundiários do Sul reconheceram seus interesses comuns na exploração do trabalho e na consolidação do poder, eles se alinharam para suprimir os avanços políticos e econômicos conquistados pelos trabalhadores negros. Essa nova fase ficou marcada por uma corrupção generalizada, em que indivíduos e corporações poderosas compravam influência no governo, subornavam autoridades e manipulavam os mercados. A corrupção transcendia partidos e fronteiras regionais, revelando um processo de decadência moral e econômica em escala nacional. No entanto, o Sul atribuiu a culpa não à guerra, à pobreza ou à corrupção sistêmica, mas aos próprios negros. Essa contrarrevolução forçou os trabalhadores negros de volta a uma condição de extrema exploração, negando-lhes o acesso à terra e ao poder político necessários para uma liberdade efetiva. Assim, como escreve Du Bois, os negros foram empurrados “de volta em direção à escravidão”, apesar da liberdade legalmente conquistada.³⁴

Além disso, Du Bois argumentou que esse desfecho não representou uma vitória para a classe trabalhadora branca. Ao priorizar sua suposta superioridade racial, os trabalhadores brancos abandonaram seus próprios interesses de classe. O fracasso em construir uma aliança com os trabalhadores negros permitiu que as classes capitalistas e latifundiárias consolidassem seu poder, explorando toda a classe trabalhadora. Du Bois demonstra que a “contrarrevolução da propriedade” acabou prejudicando todos os trabalhadores, negros e brancos, ao solidificar um sistema de capitalismo racializado que mantinha os salários baixos e reprimia qualquer poder político ou econômico que pudesse surgir da solidariedade entre eles. Em síntese, a vitória das classes capitalistas significou uma derrota para toda a classe trabalhadora, que foi ludibriada para aceitar uma nova forma de hierarquia racial, perpetuando, assim, sua própria exploração. Nessa análise, Du Bois demonstra que o capitalismo é um sistema racializado, em que a raça não é uma questão periférica que afeta apenas os sujeitos negros, mas sim um mecanismo estrutural e fundacional do sistema econômico global. A racialização do mundo tanto criou quanto foi criada pelo capitalismo, ela justificou a transformação de pessoas em mercadorias e instituiu uma linha de cor que dividiu a classe trabalhadora entre aqueles que mereciam receber salário e aqueles que não mereciam. Ao criar essa hierarquia racial, o capitalismo garantiu uma exploração extrema e rebaixou as condições de vida de toda a classe trabalhadora. Da mesma forma que a libertação negra só poderia ser alcançada em uma sociedade socialista, a luta por uma

and psychological wage). Ainda assim, é importante notar que o conceito tem sido objeto de controvérsia entre sociólogos. Alguns minimizam sua importância para Du Bois, argumentando que ele utilizou o termo apenas uma vez em *Black Reconstruction* e reduzindo-o ao acesso a empregos e direitos civis. Essa leitura restrita ignora o fato de que todo o livro examina como a branquitude concedia aos trabalhadores brancos pobres o reconhecimento de sua humanidade. Também negligencia o capítulo “Transubstantiation of a Poor White”, que detalha como o presidente Andrew Johnson, outrora um trabalhador branco pobre, aliou-se a capitalistas e ex-escravistas para construir um governo branco e não proletário.

34 DU BOIS, op. cit., p. 670.

classe trabalhadora verdadeiramente livre era inseparável da luta contra o racismo, pois significava enfrentar as próprias bases do capitalismo.

Considerações finais

A SOCIOLOGIA DUBOISIANA oferece um arcabouço orientado para a libertação, ao mesmo tempo em que critica a cumplicidade histórica da disciplina com a modernidade racializada, servindo como uma correção fundamental ao *apartheid* epistêmico que, por tanto tempo, excluiu os intelectuais negros. A crítica marxista, por sua vez, tem razão ao insistir que o compromisso de Du Bois com a análise de classe não deve ser minimizado. Esse ponto é particularmente importante para uma sociologia duboisiana crítica. No entanto, como nossa análise do debate atual demonstrou, a crítica marxista recente frequentemente incorre no erro de subordinar a luta contra a dominação racial a um foco prioritário na classe, marginalizando, assim, o papel estrutural do racismo. Desse modo, tal vertente da crítica marxista acaba por reproduzir uma tensão histórica persistente entre a Tradição Radical Negra e a Tradição Marxista, em que as lutas antirracistas foram frequentemente deslegitimadas ou secundarizadas em nome de um movimento de classe supostamente universal.

A leitura atenta de *Black Reconstruction* revela que, para Du Bois, a classe não é uma posição puramente econômica, ela é racializada. Ao definir as pessoas escravizadas como trabalhadores explorados em sua forma mais extrema e como a pedra angular da estrutura econômica do mundo moderno, Du Bois integrou a escravidão e a raça à própria gênese do capitalismo. Ou seja, ele rejeitou a noção de que a escravidão seria apenas uma fase de acumulação primitiva, anterior ao “verdadeiro” conflito de classes. Em vez disso, demonstrou que a raça – a categorização hierárquica de povos e corpos para justificar sua mercantilização – foi o mecanismo central por meio do qual o capitalismo alcançou suas formas mais extremas de exploração.

Além disso, a análise de Du Bois sobre o que chamou de o “fracasso esplêndido” da Reconstrução ilustra de modo ainda mais claro como os trabalhadores brancos pobres, ao priorizarem a superioridade racial em detrimento da solidariedade econômica, sacrificaram seus próprios interesses de classe e possibilitaram a vitória da aliança entre latifundiários e capitalistas.³⁵ Isso confirma nosso argumento central: raça e classe não são categorias subordinadas uma à outra, mas componentes interdependentes de uma totalidade histórica. A análise de ambas, e de como elas se combinam política, social e economicamente, deve ser feita, como propôs Du Bois, a partir das condições sociais específicas de cada contexto. Em *Black Reconstruction*, Du Bois mostra como a classe capitalista utilizou a raça como instrumento para dividir o trabalho, permitindo a superexploração e maximizando o lucro e o poder. O resultado foi um sistema racializado que degradou as condições de vida de toda

35 DU BOIS, op. cit., p. 708.

a classe trabalhadora, negra e branca. Assim, *Black Reconstruction* permanece essencial, pois resolve o dilema entre classe e raça não ao fundi-las em uma interseção abstrata, mas ao revelar sua articulação concreta e material no interior do capitalismo.

A tradução em português de *Black Reconstruction* é, portanto, um acontecimento oportuno, que oferece aos movimentos antirracistas e anticapitalistas contemporâneos um referencial poderoso para resistir às tendências divisórias e reducionistas que ainda persistem tanto na análise acadêmica quanto na organização política. Afinal, a tarefa de pesquisadores e militantes daqui em diante talvez não seja debater qual categoria é primária, mas compreender como a interdependência entre raça e classe cria a totalidade do mundo moderno. Ao analisarmos o capitalismo como um sistema racializado, poderemos dismantelar de forma mais eficaz as estruturas que exploram e oprimem a classe trabalhadora global, realizando, assim, o objetivo último: a libertação das “raças mais escuras” e a libertação de todos os trabalhadores. Qual projeto poderia ser mais profundamente marxista?

Recebido em: 16/10/2025

Aprovado em: 30/11/2025